



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9630 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

NOTA ESCOLAR : CORPO, MEMÓRIA, CULTURA VISUAL E COTIDIANOS

Pamela Souza da Silva - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

NOTA ESCOLAR[1]: CORPO, MEMÓRIA, CULTURA VISUAL E COTIDIANOS

Resumo: Este trabalho é um fragmento da pesquisa de Doutorado em desenvolvimento intitulada “Labirintos da Lembrança: Corpo e memória como recursos investigativos”, cujo objetivo é apresentar uma abordagem das pesquisas nos cotidianos que transite pelos territórios da memória e da produção de imagens com cuidado e afeto, considerando as feridas coloniais que carregamos como chagas abertas, mas também como passíveis de cura. No trânsito entre as tantas escolas que habitam a escola, escolher por nossas vidas, alunes, profes, funcionáries e comunidade, pode significar assumir a responsabilidade pela transformação como processo pedagógico e a felicidade de acolher no cotidiano produções estéticas que emergem inseparáveis das movimentações emancipatórias, geradas em consonância com impulsos ou intentos libertadores como toda criação e ação poética o é, se torna possível experimentar as aproximações e participar da elaboração coletiva de estratégias de enfrentamentos ao assédio das imagens visuais e pensar novos sentidos éticos, estéticos e políticos da beleza como produção e exercício da autonomia diante das práticas de poder que nos atravessam e, sob muitos aspectos, estão muito presentes no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Pesquisa com os cotidianos; Cultura Visual; Ensino da Arte;

Sou um ser humano. Sou uma mulher negra, uma poeta, mãe, amante, professora, amiga, gorda, tímida, generosa, leal, irritável. Se eu não trazer tudo o que sou ao que estiver fazendo, então não trago nada, ou nada de valor duradouro, pois omiti minha essência. Se não trago tudo o que sou para vocês, aqui, esta noite, falando sobre o que sinto, sobre o que sei, então cometo uma injustiça. O que puderem usar, levem com vocês; O que não puderem, deixem para lá. (LORDE, 2020, p. 104)

Audre Lorde escreve sobre ser professora, no texto “A poeta como professora – A humana como poeta – A professora como humana”, e coloca o aprendizado como uma experiência de *troca íntima* na qual é preciso entender quem somos, perceber as nossas reações e sentimento em relação a outros seres, o que ela chama de *exercício humano do nosso tempo*, como algo fundamental para abrir espaço para que o aprendizado e o ato de ensinar aconteçam. Para ela,

estarmos inteiras é um ato político. É preciso saber quem somos, de onde falamos, para que as oportunidades de trocas aconteçam e possamos oferecer substratos que sejam úteis a vida de nossos coletivos. Em contraposição à universalidade proposta pelas abordagens positivistas, mulheres e pessoas negras, indígenas e demais minorias defendem a parcialidade como potência epistemológica. Amparada por esses critérios, essa pesquisa vagueia pelo meu próprio corpo e pelos corpos coletivos aos quais pertencço, incluindo a compreensão dos territórios como parte desses corpos.

Acolhendo a invenção, a experimentação e as mudanças de percurso como estratégias de pesquisa, misturando teorias que se complementam e nos auxiliam em mergulhos mais profundos, desejamos criar uma cartografia imago-textual que seja sensível, fluida e porosa. Cartografia promíscua, que nos oriente a partir das margens e fronteiras como lugares de potência, afeto, resistência e criação. Usando da transgressão como abordagem teórico-metodológica, aberta aos sentidos, incorporamos aqui a noção de pesquisa nos dos com os cotidianos (Ferraço, 2003), uma aposta nas redes de afeto e no aparentemente banal como elementos de extrema importância para a compreensão dos interesses das pesquisas. Aliada à abordagem das pesquisas pós-qualitativas na qual marcas de percursos de vários corpos, ideias insurgentes, ponderações e sobretudo sentimentos identificados como traços coletivos, sustentam a capilaridade da vida e seu ciclo eterno de transformação como forma de produzir conhecimento.

Considerando que “*A treta é sobre o território*”, como canta Brisa Flow^[2], o território aqui significa, também, o mundo das Imagens, das Artes, da Cultura Visual. Territórios que disputamos através de nossas produções poéticas individuais e coletivas. Imagens de toda sorte, favoráveis ou não aos processos de ensino e aprendizagem, permeiam nossos cotidianos. Imagens do pensamento, dos desejos e afirmações diversas que emergem nos corpos, nas falas e gestos, vencendo os limites das normas e das uniformizações.

Conceição Evaristo, orienta as navegações pelos territórios de memórias desta cartografia, que por vezes se torna terra dura, ora é sonho que se liquefaz – movimentos que se tornam instrumentos de leitura que possibilitem múltiplas compreensões de suas camadas. Ferramentas que foram tomadas emprestadas, em sua maioria, de companheiras e companheiros, pessoas negras e indígenas, profes, estudantes, parcerias de vida, em diálogo com as teorias feministas e decoloniais que ressignificam a produção de epistemologias como campos amplos de invenção e diversidade, e não como verdades que nos aprisionem. Autorias que falam o que por muito tempo foi impedido de ser partilhado; propostas, leituras de mundo, problematizações diversas fundamentais à fertilização do entendimento historicamente árido a respeito das realidades dos muitos grupos e instituições, e que fazem um convite à invenção de mundos outros. *A fala e o ato*, como escreve Conceição.

A compreensão da Cultura Visual como um campo de batalha, nos exige, como profes, reflexões éticas sobre os repertórios de imagens que compartilhamos com estudantes e os usos que delas fazemos em nossos cotidianos. O entendimento de que este campo abarca e compreende o mundo das imagens, das representações visuais, e conseqüentemente os modelos e padrões de visualidade, nos colocam frente a frente com dois desafios; o da História da Arte e o do assédio das imagens nas redes e demais veículos. É preciso encarar cada um em suas especificidades e complexidades e ao fazê-lo, o que vemos, no caso da Arte outorgada, são infinitas imagens que foram, e são, usadas para reforçar a invenção de um mundo centrado na humanidade, nos paradigmas da modernidade, na imposição cultural aliada ao roubo e apagamento de nações inteiras. Os regimes de verdade difundidos por esses paradigmas, reduzem as maravilhosidades do mundo, das formas de vida e de viver, ao

homem cis hetero branco cristão europeu e centraliza nessa figura a referência do que é humano, e, portanto, pode habitar, ocupar e transformar todos os outros seres como recursos para a manutenção dessa única forma de vida, são os que possuem o direito ser[3].

A perspectiva da Cultura Visual se dá pelo interesse nas construções culturais que partem e são permeadas pela experiência visual nas mídias, nas produções e representações imagéticas cotidianas, redes sociais, comportamentos, artes visuais, etc. Referindo-se à problemática decorrente das imagens visuais, seu volume, peso, produção e usos na atualidade e ao decorrente esforço à leitura, influências e demais jogos sociais das imagens e das construções imagéticas na realização da vida humana, é um desafio entender e construir práticas cotidianas que nos fortaleçam e nos possibilitem viver para além dos estereótipos que tentam nos aprisionar. A Cultura Visual é uma dimensão epistemológica que envolve tanto os acontecimentos quanto a criação de meios para compreendê-los. Mitchell recorre à expressão “pictorial turn” para se referir à discussão teórica à ‘virada’ da imagem, devido à importância que passa a ter para a compreensão da cultura contemporânea a partir das suas relações com as imagens visuais. A partir do reconhecimento de que vivemos radicalmente envolvidos pela *iconoesfera*, camada densa e movimentada de imagens, que articulam e criam práticas cotidianas no intercâmbio entre produção e consumo, precisamos nos perguntar e questionar a respeito do que preenche essas camadas e os regimes de verdade que a constroem.

No poema “Pós-imagens” Audre Lorde escreve sobre um episódio muito chocante do assassinato e tortura de um jovem negro por supostamente assoviar para uma mulher branca. O que ela chama de *pós-imagens* são imagens de dor e violência, que chegam através da mídia, que esmiuça em detalhes, analisa e expõe cada talho causado pela crueldade da supremacia branca, e que permanecem gravadas nas memórias de pessoas negras. Elas sempre voltam como *fantasmas do verão*, avisos diretos e ameaças de morte, cujo propósito é imobilizar e aniquilar todos aqueles que são considerados *Outros* da sociedade. Esse é um poema de 1981, mas poderia ser sobre um jornal de hoje, as pós-imagens estão agora mesmo entrando por nossas “cavernas rochosas” e permeando nossos imaginários de medo e violência.

Seja como for que a imagem entre
sua força permanece dentro
dos meus olhos
cavernas rochosas onde evolui o peixe-dragão
selvagem pela vida, incansável e ávido
aprendendo a viver
onde não há comida
meus olhos estão sempre famintos
e lembrando-se
seja como for que a imagem entre
sua força permanece.
Uma mulher branca se posta arrasada e oca
um menino negro devorado numa lição assassina
relembrados em mim para sempre

como um susto de queda na beira do sono
gravado em minhas visões
comida ao peixe-dragão que aprende
a viver do que quer que possa comer
imagens fundidas sob minha dor. (...)

Há tempos compreendemos como parte fundamental do trabalho nas escolas escolher cuidadosamente as imagens que serão invocadas nas salas de aula. Esse cuidado é uma escolha política, mas também ética e estética (HERMANN, 2010) a medida em que levamos em consideração a inteireza de nossas relações e complexidades, e a conexão com o que cocriaremos juntas. Torna-se então parte importante do trabalho romper com imagens e estereótipos que sustentam os paradigmas e violências da sociedade capitalista. A pesquisadora Winnie Bueno apresenta o conceito de *imagens de controle* de Patrícia Hill Collins e como essas funcionam como invenções que tentam imobilizar mulheres negras em papéis estabelecidos em benefício da supremacia branca, e as retrata em lugares servis e de objetificação, criando um imaginário que coloca seus corpos a serviço da colonialidade. As *pós-imagens* continuarão entrando por nossas *cavernas rochosas* por muitas vidas a frente e é preciso nomear as feridas para tratá-las, e alimentar a alegria que nos impulse a criar imagens que nos libertem constantemente.

Os danos que foram e são causados pela violência da colonialidade, em nossos corpos, imaginários e ao planeta, são irreparáveis. Romper com essas práticas é uma urgência e um trabalho coletivo de criação. A artista Iki Yos Piña Narváez escreve no texto “A fantasia de assaltar o museu” sobre algumas intervenções realizadas pelo Coletivo Ayllu em museus europeus e como essas instituições são encarregadas de monumentalizar a supremacia branca, construir relatos e ficções sobre a história do mundo “ocidental” a partir da estetização do saque, da dor e da fetichização dos *Outros*. A ideia de acumular, colecionar e catalogar vidas e conhecimentos, que é tão cara a modernidade, e serve apenas aos interesses dos que vivem e se enquadram dentro da humanidade inventada por ela mesma. Iki se refere ao museu como *repositório racial da memória*, o lugar onde a *memória viva se faz pele*. As performances apresentadas por Narváez podem ser o que Patrícia Hill Collins chama de *conhecimento de oposição*, estratégias de enfrentamento e resistência às *Imagens de controle*. Produzir saberes que, não apenas denunciam a violência colonial, mas sirvam ao fortalecimento dos coletivos que às produzem e as necessidades diversas desses grupos.

A memória da vida como experiência coletiva persiste e produz em nossos imaginários condições para a travessia da realidade que nos violenta. É na escola dos estudantes, espaço de invenção, que as experiências estéticas e poéticas - do cuidado de si às formulações identitárias, agregam intenções cujo conhecimento é importante à atualização das escolas e de suas ações, tais intenções reconfiguram modos de alcançar sua autonomia frente às práticas de poder que a institucionalidade escolar afirma. Estudantes nos ensinam o valor epistêmico e a relevância dos aspectos poéticos das práticas cotidianas e no que toca especificamente a educação, e centralmente ao ensino da arte, nos levam a repensar as tradições e as contradições dos percursos e percalços dos currículos, comprometimentos e aspirações das Artes na educação básica.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BUENO, Winnie. Imagens de controle: um conceito de Patrícia Hill Colins. Porto Alegre: Zouk, 2020

CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia negra feminista. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.139-170. (Coleção cultura negra e identidade).

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Os currículos realizados no cotidiano de escolas públicas das séries iniciais do ensino fundamental: as narrativas, usos, traduções e negociações como potência para problematizar e ampliar as redes de conhecimentos dos sujeitos praticantes. Projeto de Pesquisa do CNPq, Universidade Federal do Espírito Santo, p. 1-22, 2008.

HERMANN, Nadja. Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética, Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LATHER, Patti.; St. PIERRE, Elizabeth Adams. Post-qualitative research. *International Journal of qualitative studies in education*, v.26, n.6, p.629-633, 2013.

LORDE, Audre. Pós imagens. In: *Entre nós mesmas: poemas reunidos*, tradução Tatiana Nascimento, Valéria Lima. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

_____. A poeta como professora – A humana como poeta – A professora como humana. In: *Sou sua irmã: Escritos reunidos*, tradução Stephanie Borges. São Paulo: Ubu editora, 2020.

MITCHELL, W. J. T.. O que as imagens realmente querem? In ALLOA, Emmanuel (org.) *Pensar a imagem* Belo Horizonte. MG: Autêntica, 2015.

NARVAÉZ, Iki Yos Piña. A fantasia de assaltar o museu, Tradução Cintia Guedes, In: *Revista DR: Dossiê vibrações do inaudível*, 2020, Disponível em: <http://revistadr.com.br/posts/a-fantasia-de-assaltar-o-museu/>

[1] LORDE, 2020, p. 127 e 129

[2] https://www.youtube.com/watch?v=yDbO3dQgbAI&ab_channel=BrisaFlow

[3] No livro *Pele negra, máscaras brancas*, Fanon fala da existência de uma zona do não-ser, “uma região estéril e árida” habitada pelo negro. O olhar imperial do branco o fixou nesta zona. Em virtude deste olhar fixador, “mesmo me expondo ao ressentimento de meus irmãos de cor”, Fanon afirma, “o negro não é um homem” (Fanon, 2020), portanto, não é um ser.